

# FH acha atraso nas reformas "vergonhoso"

Wilson Pedrosa/AE

*Em Montreal, presidente diz que é inaceitável Congresso levar dois anos para votar mudanças*

JOÃO DOMINGOS  
Enviado especial

**M**ONTREAL — O presidente Fernando Henrique Cardoso disse ontem que é "vergonhoso" para o País o Congresso levar mais de dois anos para votar projetos importantes, como o da reforma administrativa. "Os assuntos não podem ficar sendo empurrados com a barriga", reclamou. Ele também qualificou de "ranheta" a votação dos destaques à emenda da reforma administrativa, realizada na Câmara na noite de quarta-feira.

O governo foi derrotado por sua própria base de apoio na votação de um destaque apresentado pelo bloco de oposição. Vários deputados aliados apoiaram o destaque, que retirava do parecer do relator da reforma, Moreira Franco (PMDB-RJ), dispositivos que permitiriam ao Executivo contratar servidores sem estabilidade.

Fernando Henrique garantiu, porém, que é persistente e ainda vai fazer uma boa reforma administrativa. Muitos atribuíram a derrota na votação dos destaques da reforma administrativa à falta de jeito do presidente da Câmara, Michel Temer (PMDB-SP), mas o presidente defendeu-o e argumentou que "não adianta querer jogar a culpa nos ombros de alguém."

Os comentários do presidente foram feitos ontem, em Montreal. Pouco antes de embarcar de volta para o Brasil, no fim de uma viagem oficial de quatro dias ao Canadá, ele fez um balanço de sua permanência no exterior.

Além de falar de reformas, ele criticou a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) por se envolver em assuntos como o leilão da Companhia Vale do Rio Doce — "O que a CNBB tem a ver com a Vale?". E reafirmou que, se já tivesse conseguido aprovar as reformas constitucionais, não se preocuparia com a reeleição.

**Participação** — Quanto à aprovação pelo Senado, em primeiro turno, do projeto que limita a edição de medidas provisórias pelo Executivo, só houve elogios por parte de Fernando Henrique. Ele reivindicou para si participação no projeto de regulamentação das MPs, pois o negociou com os presidentes do Senado, Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA) e da Câmara.

A violência no Brasil, e em especial a morte do índio pataxó Galdino Jesus dos Santos, queimado por jovens em Brasília no domingo, também foi alvo de comentários. Fernando Henrique mostrou-se revoltado. Disse que, nesses casos, tem servido de contrapeso no exterior, para evitar um desgaste maior da imagem do País. Mas insistiu em que acha que chegou a hora de dar um basta à violência urbana ou rural e criar mecanismos que possibilitem um controle. Na sua avaliação, a violência é inaceitável e "revoltante".

Sobre o vazamento da informação, pelo Banco Central, de que o real seria desvalorizado em 7% até o fim do ano, Fernando Henrique contou que não tinha muitas informações. Mas garantiu que não é um tecnocrata quem vai ditar as regras de valorização de uma moeda e sim o mercado. Quanto ao contínuo que largou o documento confidencial do BC entre a papela destinada à divulgação, o presidente foi categórico. "Tem de ser demitido", afirmou. "É preciso botar para fora o funcionário que não presta."

**Estilo de vida** — O presidente acrescentou que a emenda da reforma da Previdência deverá ser votada logo pelo Senado, aproveitando para elogiar o Congresso, e queixou-se de seu ritmo. "Vocês acham que a minha vida é fácil, que é um estilo de vida que possa realmente motivar alguém?" Portanto, ressaltou, se tivesse conseguido aprovar mudanças, não pensaria em reeleição. "Eu faço por dever de brasileiro", comentou. Estes são os principais pontos da entrevista dada por Fernando Henrique em Montreal:

**Viagem ao Canadá** — "O que se viu foi, primeiro, um grande inte-



Embarcando para o Brasil, ao fim da visita de quatro dias ao Canadá: "Eu faço por dever de brasileiro"

resse sobre o Brasil. Segundo, uma informação que ainda não é muito completa, mas razoável para que percebam que o Brasil está mudando. Terceiro, uma coincidência do ponto de vista governamental dos objetivos das relações do Brasil com o Canadá. E a participação do Brasil no Mercosul, que para nós é indispensável em nossas alianças no Mercosul. E o Canadá disposto a abreviar caminhos, participando ele também no futuro de uma zona de livre comércio com o Mercosul."

**Reeleição** — "Se já tivesse feito o que é necessário eu nem me preocuparia. Vocês acham que a minha vida é fácil, que é um estilo de vida que possa realmente motivar alguém? Não, eu faço por dever de brasileiro, quanto mais depressa votar, melhor."

**Demora na definição da reforma administrativa** — "Os assuntos no Brasil não podem ficar sendo empurrados com a barriga. Isto vale para as reformas. É vergonhoso levar dois anos para votar uma lei para o Brasil. Francamente, é demais."

**Derrota na votação de destaques à emenda na quarta-feira** — "O Brasil, a gente vê aqui possibilidades que nós temos, a credibilidade que nós alcançamos. Isso é o que vale para o Brasil. É o futuro do Brasil. Não é uma votação um pouco ranheta, aqui ou ali, ou pessoas que se aferram a interesses, digamos, limitados, de corporações, ou que ficam olhando no curto prazo. Ninguém avança no Brasil se não tiver coragem. Primeiro, coragem de muitas vezes dizer não ou de não atender a pressão momentânea olhando no médio prazo. Eu acho que nós vamos conseguir ainda fazer uma boa reforma administrativa. Eu vou insistir. Vocês sabem que eu insisto."

**Importância das reformas constitucionais** — "Eu acho que nós temos de ir mais depressa. É preciso que as pessoas entendam no Brasil que não dá para manter certos padrões antiquados de relacionamento dentro da administração brasileira. Para que nós possamos pagar melhor os funcionários públicos, eles têm de ser melhor recrutados e têm de desempenhar melhor sua função. Muitos são competentes. Outros não são. Não sendo, não há como manter. Quem paga é o povo. Eu acho que é preciso ter coragem de mudar as coisas. Muitas vezes as pessoas não têm consciência e pensam que votando pela manutenção do que está aí estão sendo ultra-avançados. Não estão. Isso que está aí não está bom. Nenhum brasileiro está contente com a situação da administração do Brasil. Nem o presidente da República nem o funcionário público nem quem tem de ser atendido pelo servidor público. Então, por que não mudar? É uma

mentalidade velha e nós temos de acabar com ela."

**O papel de Temer** — "Eu acho que o presidente da Câmara é uma pessoa que está empenhada com as reformas. Eu acho que isso não pode ser colocado nos ombros de uma só pessoa, de um líder ou de um partido. Isso que nós temos de conversar com o conjunto dos deputados. Às vezes são algumas coisas acidentais, de presença, mas precisa ter um senso de urgência."

**Reforma da Previdência** — "O Senado vai votar. Já conversei com o senador Beni Veras (PSDB-CE) antes de vir para cá. O relatório dele está pronto. O Senado vai votar. Estou pedindo urgência, mas a verdade é que em todos os países estas matérias têm lá sua demora. Não estou aqui reclamando no sentido absoluto. Pelo contrário, estou agradecido ao Congresso pelo muito que votou. Acho que em algum outro momento pode haver alguma incompreensão que não se justifique. E não é por razões políticas maiores, por um ministério não. Se fosse, ainda dava para entender. Mas não é isto não. É muitas vezes falta de atenção à urgência do Brasil. Temos de fazer um apelo. Votem, por favor, votem logo."

**Ministério do PMDB** — "Só quando eu voltar. Ministério é questão administrativa. É uma decisão minha, tem a ver com administração. Nunca submeti ministério a barganhas para votar para cá ou votar para lá. Tem de votar quando estiver de acordo, convencido, como eu estou, e a maioria também está, de que as reformas são importantes."

**Limitação de MPs** — "Eu apoio as transformações que estão ocorrendo lá (no Senado). Eu discuti com os congressistas. Fui o presidente que menos fez medidas provisórias. Quando as pessoas dizem que nós estamos abusando, é porque estão usando de má-fé. Porque eu apenas estou reeditando medidas de outros ou as minhas mesmo quando o Congresso não vota. E muitas vezes eu as uso porque o Congresso mesmo está de acordo que eu use, para ir mais depressa."

**Lentidão do Congresso e edição de MPs** — "Digo que é preciso haver um mecanismo que permita ao Congresso votar. Não é o Congresso o culpado. É o mecanismo. Então nós discutimos isso. Eu discuti com o presidente do Senado, Antônio Carlos Magalhães, com o presidente da Câmara, Michel Temer, com os líderes. Foi uma negociação com meu apoio. Sou favorável a que haja mecanismos que permitam que o Congresso vote."

**Violência no Brasil** — "É também muito vergonhoso que nós no Brasil não sejamos capazes de conter esta violência que não é do

governo. Certamente o governo é contra. Mas existem, existem na sociedade e nas instituições. Como em muitos casos, nós estamos vendo nas Polícias Militares. Tenho demonstrado aqui minha firme vontade de continuar no caminho que está sendo traçado, que o povo brasileiro apoiou nas eleições e continua apoiando."

**Repercussões da violência no exterior** — "Eu faço o contrapeso. Cada vez que eu venho aqui fora, mostro a disposição, que eu tenho mesmo, de levar adiante essas transformações. Evidentemente a violência não abala só aqui fora. Isso abala lá dentro. Esse grau de violência que nós tivemos, essa matança de Brasília, é revoltante. Matar líder camponês é revoltante, não é aceitável. Não é por causa do exterior, é por nós próprios que não é aceitável."

**Sem-terra** — "O Movimento dos Sem-Terra é um movimento social. Eu posso discordar aqui, ali, mas é uma coisa legítima. O que não é legítimo é fazer de conta que o governo não faz nada. O governo faz. O governo encontrou uma situação muito ruim e nenhum governo fez mais pela reforma agrária do que o meu governo. São números. Não é uma questão de discutir."

**Vazamento de informações do Banco Central sobre desvalorização do real** — "O real vai funcionar de acordo com o mercado. Imagine se o papel de um tecnocrata vai decidir a moeda. A moeda decide em razão dos valores do mercado. Eu não soube mais nada sobre este vazamento. Se houve, se alguém é responsável, tem de ser demitido. Aí é preciso a lei. É preciso botar para fora o funcionário que não presta."

**Críticas da CNBB** — "Já falei de público de um documento que apareceu lá, com o timbre da CNBB e também a manifestação sobre a Vale do Rio Doce. Francamente, não é matéria para a CNBB, não vejo que seja conveniente para a CNBB, uma instituição que respeito e muito, assim como respeito os cardeais. Não é matéria para que eles realmente opinem sem ter informação. Mas não critiquei a CNBB nem dei nota baixa. Nem falei de CNBB. Disse que havia realmente muitas vezes falta de compreensão, coisas que são erradas, inclusive em alguns documentos específicos. Agora, eu não dei nota baixa para ninguém, não sou professor."